

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Coordenador: Prof. Vicente Dobroruka

Universidade de Brasília
IHD - Dpto. de História
Brasília -DF- 70910-900

www.pej-unb.org

"EUNUS E A REVOLTA DA SICÍLIA: UMA PERSPECTIVA MESSIÂNICA"

**II SEMINÁRIO INTERNO DO PROJETO DE ESTUDOS JUDAICO-
HELENÍSTICOS - PEJ -, 21-23 DE NOVEMBRO 2006**

Airton Braga da Silva

História / 6o. período

Prof. Vicente Dobroruka



Resumo / abstract

A primeira *bellum servile* (revolta escrava) aconteceu por volta do ano 135 a.C., e conflagrou a Sicília até ser finalmente suprimida em 139 a.C. Foi uma das maiores revoltas de escravos conhecidas pelo Império Romano. Neste paper analisarei a revolta, que foi liderada por um escravo sírio chamado Eunus, numa perspectiva messiânica, e em sua correlação com os complexos míticos da "Grande Mãe", do "rei vindo do Sol" e da "vingança da Ásia contra Roma", que podem ajudar a definir uma relação entre os mitos e a revolta.



Eunus e a revolta da Sicília: uma perspectiva messiânica

Analisarei neste *paper* a *Bellum servile* a partir dos relatos de Diodoro da Sicília e Florus¹, ou seja, fontes pró-romanas, que, ao narrar a revolta, visavam criticá-la. Os dois autores darão um panorama da Sicília naquele período. Ambos mencionam que a ilha estava em situação de muita prosperidade, e por isso, recebendo levas cada vez maiores de escravos, que eram muito maltratados por seus senhores. Os autores também fazem referência à falta de controle sobre grupos de salteadores, que atacavam os escravos e trabalhadores da Sicília.

O grande fluxo de escravos para a Sicília começou antes da fundação de Roma, uma vez que o imperio herdou as rotas de comércio de escravos de gregos e fenícios, sendo os escravos em sua maioria sírios, judeus, e egípcios². Isso torna a ilha um ponto de encontro entre várias culturas e crenças diferentes, e que entram em contato, criando assim um ambiente propício para a resistência cultural e para o sincretismo religioso.

A revolta em questão foi liderada por um escravo sírio chamado Eunus, que afirmava ter visões extáticas da deusa Atagartis³ (divindade solar conhecida como a *Dea Syria* de Luciano, consorte de Hadad, também uma divindade solar), em

¹ Diodoro da Sicília. *Biblioteca histórica*, 34-35.2.25; e Florus, *Epitome Rerum Romanorum*, 3.19. Estas são todas as referências destes autores destes autores sobre revolta, por isso, por comodidade não citarei novamente estas passagens, exceto quando para tratar de trechos muito específicos.

² Mary L. Gordon. "The nationality of slaves under the Early Roman Empire" in: *Journal of Roman Studies*. 14, 1924. Pp.93-111.

³ Luciano de Samostata possui uma obra chama *Dea syria* (deusa síria) onde discorre sobre as características e o culto dessa deusa. Florus faz uma referência explícita a esta "deusa dos sírios" no trecho já citado.



que esta lhe revelava o futuro, profetizando inclusive que Eunos se tornaria rei, apesar das fontes não definirem como seria este reinado.

O culto de Atagartis foi levado da Síria pelos escravos transportados pela Sicília. Esta deusa é associada localmente do complexo mítico da *Magna Mater* (grande mãe). Este complexo refere-se a divindades femininas, doadoras de benesses, ligadas a fertilidade, a maternidade, a vegetação e a terra, e está geralmente relacionada a um deus solar, que é seu esposo, filho ou irmão. O complexo da “Grande Mãe” é atestado em várias civilizações na antiguidade, como gregos, egípcios e sírios. Os oráculos que fazem referências a uma dessas divindades, muitas vezes vão falar de um rei ou jovem deus, que é enviado para acabar com a injustiça e criar um reino de paz como no oráculo do oleiro, por exemplo.

[...] quando o rei que governará por cinqüenta e cinco anos dando liberdade, o provedor de coisas boas, deverá aparecer vindo do Sol, estabelecido pela grande deusa Ísis, então aqueles que sobreviverem irão orar e aqueles que morreram irão se levantar para compartilhar as boas coisas⁴.

Posteriormente Atagartis foi levada para fora da Síria, e assimilada a várias outras deusas, como Astarte, Cibele, Rhéa, e principalmente, Ísis, Demeter e Ceres⁵. A associação de Demeter com a revolta é atestada através de evidência numismática, atribuída ao reino criado por Eunos

⁴ Papiro Rainer 38-43 e papiro de Oxyrrynchus 63-71. Usou-se aqui a tradução do Oráculo que aparece em Anders Hultgård. “Figures messianiques d’Orient comme sauvers universels dans le monde greco-romain” in: Ugo Bianchi e Maarten J. Vermaseren (eds.). *La soteriologia dei cultti orientali nell’ impero romano: atti del colloquio internazionale sul a soteriologia dei cultti orientali nell’ impero romano, Roma 24-28 settembre 1979*. Leiden: Brill 1982.

⁵ Edwin O. James. *Le culte de la déesse-mère*. Paris: Payot, 1960.



a partir da revolta, onde em uma face da moeda encontra-se Demeter e na outra uma espiga de milho⁶.

Uma das problematizações que proponho é justamente a relação entre o culto das mães, os oráculos em torno do rei enviado pela deusa, e o conteúdo religioso da revolta. Acredito que este pode ser um dos componentes ideológicos que podem ajudar a explicar a revolta, e a visão de Eunos como um libertador político, e um messias religioso.

Os cultos da Grande Mãe já foram rastreados arqueologicamente desde a pré-história⁷, e são encontrados em vários lugares, como Egito, Irã, Grécia, Síria. Evitarei aqui a discussão sobre como se deu a difusão deste culto fora da Sicília e anteriormente à *bellum servile*, pois para esta pesquisa, neste momento, não é importante como se deu a propagação do complexo mítico, mas sim o fato, já muito bem documentado, de que houve esta difusão e se manifesta em localidades muito diferentes⁸.

Se ponderarmos sobre a conjuntura siciliana na época do levante, recebendo escravos de várias localidades, principalmente judeus, egípcios, sírios, é plausível pensarmos que essas divindades podem estar sendo sincreticamente assimiladas umas às outras, e os mitos de várias localidades estão entrando em contato neste momento.

Tendo a revolta sido liderada sob inspiração divina, havia uma expectativa maior do que a política em torno dele, Eunos tornou-se um monarca messianico de um reino composto pelos escravos amotinados (concretizando assim o oráculo de Atagartis) e representou uma nova ordem cósmica, que se opõe à Roma, montando um reino nos moldes da

⁶ Green, Peter. "The First Sicilian Slave War" in: *Past and Present*. Nov. 1961. P.16.

⁷ James, *Le culte de la déesse-mère*, p.11

⁸ Ibidem e também há indicações disto em Franz Cumont. *Oriental Religions in Roman Paganism*. Chicago: Open Court, 1911.



monarquia selêucida⁹, até mesmo assumindo o nome de Antíoco Eunos, expondo então uma dualidade Oriente-Occidente. Segundo Dudley¹⁰, para os pobres e os escravos orientais ligados a cultos solares, havia a promessa de liberdade e um mundo melhor (melhor para o grupo ligado ao culto), por isso, Eunos assume o papel do monarca messiânico, que traria liberdade aos revoltosos (não havia nenhuma oposição à escravidão como instituição). Deste modo, os revoltosos sob o comando de Eunos conseguiram sua liberdade e vingaram-se de seus senhores e levaram a cabo uma revolta divinamente legitimada, como atesta Diodoro.

Isto enquadra a *Bellum servile* no complexo míticos, que são o do "rei vindo do Sol", e da "vingança da Ásia contra Roma", sendo estes dois dificilmente separados, nas fontes oraculares onde aparecem. O rei vindo do Sol é muitas vezes referência a um rei vindo do Oriente, que se colocaria contra o opressor ocidental romano. Havia a esperança deste rei oriental libertar os povos conquistados por Roma, humilhando esta, e tomando todas as riquezas que outrora Roma retirou da Ásia, como consta neste trecho dos *Oráculos sibílinos*:

*Roma entretanto recebeu muita riqueza, trazida como tributo da Ásia. a Ásia irá receber três vezes mais novamente de Roma e irá devolver a arrogância mortal dela*¹¹.

Para poder inserir a revolta dentro dos complexos míticos já citados usarei também como apoio o método

⁹ Reino formado após a morte de Alexandre, o Grande a partir da desintegração do seu império nas mãos dos diádocos, seus antigos generais. O reino Selêucida abrangia basicamente a Síria e disputava o controle do Egito com a dinastia Ptolomaica, esta também originada dos diádocos.

¹⁰ Donald R. Dudley. "Blossius of Cumae" in: *Journal of Roman Studies*, 31, 1941. Pp.94-99.

¹¹ OrSib 3:350-352.



morfológico de Propp, relativo aos contos maravilhosos¹², que pode ser também aplicado aos mitos, levando-se em consideração as nuances culturais que estes apresentam e que estes não são estáticos, mas estão em constante transformação. A morfologia de Propp se dá através da descrição do conto maravilhoso segundo as partes que o constituem, e as relações destas partes entre si e com o conjunto do conto. Em sua obra 100 contos de magia foram analisados, e chega-se a conclusão que todos os contos possuem uma estrutura básica determinada a partir das *funções* que cada personagem desempenha na trama (apesar de nenhum conto ou mito estar obrigado a comportar todas as funções descritas por Propp, eles sempre se estruturam através delas). Entende-se por *função* as ações que os personagens desempenham durante o mito, do ponto de vista do desenrolar do próprio mito, sem nenhuma relação com as características do próprio personagem, ou nas palavras de Propp:

O que muda são os nomes (e com eles os atributos) dos personagens; o que não muda são suas ações ou funções. Daí a conclusão que o conto maravilhoso atribui freqüentemente ações iguais a personagens diferentes. Isto nos permite estudar os contos a partir das funções dos personagens [...] No estudo do conto maravilhoso o que importa é saber o que fazem os personagens. Quem faz ou como isto é feito já são perguntas para um estudo complementar¹³.

Assim as os personagens, dentro do conto maravilhoso, são intercambiáveis entre as funções, sem prejuízo para o mito ou o conto, ou seja, não importa se o vilão é o dragão ou a bruxa má os dois desempenharam a função do antagonista, e não importa se é uma luta com o dragão ou as

¹² Propp, V.I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2006.

¹³ Idem, *Ibidem* p. 20



questões propostas pela esfinge, ambas se comportaram como a função da prova a qual o herói é submetido.

Este método pode ser de grande ajuda se aplicado para aproximar mitos de origens diversas, e culturas heterogêneas, porém levando-se em consideração seu conteúdo e origem. Poderemos então aproximar o oráculo do oleiro, os oráculos sibilinos, o Bahman Yasht e a vocação extática de Eunus. Tanto morfologicamente quanto a partir de seus conteúdos, em todos os mitos analisados temos uma aproximação que não pode ser ignorada; a divindade feminina ligada ao complexo da *magna mater*¹⁴, enviando o rei (Nesse caso a associação com a deusa também lhe confere legitimidade religiosa), doador das boas coisas, que dentro de uma situação de opressão propiciada por um agressor externo, está destinado a livrar os homens que os seguem dos males que os afligem, e a construção de um reino de justiça e paz (escatológico ou não, todavia a função morfológica no mito é a mesma). A julgar pela procedência destes escravos, podemos supor que eles estavam em contato com estes mitos persas, sírios e egípcios em suas terras-natais e, compartilhando-os com seus companheiros na Sicília, as idéias contidas nestes mitos eram bem conhecidas.

Sendo assim a idéia do monarca vindo do Sol, enviado pela deusa (ou deus nos casos monoteístas) não era estranha para estes escravos, pelo contrário, lhes era familiar, e talvez até mesmo ansiada por vários deles. A figura de Eunus pode ser associada também à figura do rei-sacerdote dos cultos sírios de Atagartis, onde este é chamado de *Abd-*

¹⁴ Com exceção do *Bahman Yasht* e dos *Oráculos sibilinos*, por serem ambos monoteístas (este judaico e aquele zoroástrico) e não poderiam ter "deusas", mas o deus supremo destas religiões, morfologicamente, cumpre a mesma função.



Hadad, que significa "o servo de Hadad"¹⁵ (junte-se a isto o fato de Eunos expelir chamas pela boca enquanto profetizava, além de impressionar os espectadores, como afirmam Florus e Diodoro, o associa a Hadad o deus relacionado ao sol), que aparece em meios a transe extáticos tecendo oráculos. Para se referir ao êxtase durante o momento em que Eunos proferia suas profecias Diodoro usa o termo "εὐθουσιασμου", que significa transportado de furor divino, termo que deriva de "εὐ-θεος", ou seja, inspirado pelos deuses. Florus classifica como *fanatico furore simulato*, deste modo ambos os autores reforçam o caráter divino deste êxtase. Por isso o oráculo de sua ascensão à monarquia, evoca estes mitos de realeza mística e do rei enviado pela deusa, e provavelmente foi muito bem aceito pelos escravos que participaram da revolta, uma vez que Diodoro nos conta sobre os escravos de um certo Damófilo, que pretendiam se revoltar devido aos maus-tratos sofridos (este é o início da revolta), foram então a Eunos perguntar se os deuses aprovavam este levante¹⁶, mostrando que a autoridade religiosa de Eunos era muitíssimo respeitada, sendo reconhecido como um intermediário com os deuses. Eunos toma então a liderança da revolta e encarna todas as expectativas em torno do rei-messiânico. O messianismo neste caso é particular, voltado a esta comunidade criada a partir da revolta, e pretende não mais do que uma libertação do opressor romano.

Sendo projetada em Eunos a figura do rei-sacerdote, enviado pela grande mãe, que vem do Oriente, e liberta seus seguidores da opressão romana, ele pode ser a figura

¹⁵ James, *Le culte de la déesse-mère*, p.203.

¹⁶ Diodoro da Sicília. *Biblioteca histórica*, 34-35.2.8. Este uso do oráculo é esquematizado em David Aune. *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World*. Grand rapids: William B. Eerdmans, 1983.



que liga a revolta aos complexos míticos do "rei vindo do Sol" e da "vingança da Ásia contra Roma", encontrado nos oráculos sibilinos e no oráculo do oleiro, através de um messianismo político e religioso. A revolta de Eunus pode ser então o ponto de encontro entre várias tradições míticas, de diferentes localidades, que, a partir do contato através do fluxo de escravos para a Sicília, serviram como suporte religioso e ideológico para um movimento que foi também social e político.